

---

*Percursos de personagens natalinos da  
Europa para a América:  
entre familiaridade e estranhamento*

*Routes of christmas Characters from Europe to America: between  
familiarity and strangeness*

Álison Sousa Castro\*  
Ilani Coelho\*\*

---

**Resumo:** Na última década, um ritual ganhou notoriedade durante as celebrações de Natal no Vale do Itajaí. Essa celebração de origem *alemã* tem como personagem principal o *Pelznickel*, um presenteador que premia os bons e ameaça punir as crianças malcomportadas. No entanto, o ritual está passando por um processo de estranhamento por parte da população migrante que reside ou visita o Vale do Itajaí. Este artigo tem como objetivo interpretar os caminhos das personagens de Natal da Europa em direção à América do Norte e à América do Sul, e como neles são operadas reinvenções que implicam percepções de familiaridade e de estranhamento em Guabiruba. A pesquisa teve como base o levantamento e a interpretação de

**Abstract:** In the last decade a ritual during Christmas celebrations gained notoriety in Itajaí Valley. This celebration with its *german* origin has *Pelznickel*, a gift-bringer, who rewards the well-behaved children and threatens to punish the misbehaved ones, as its main character. However, the ritual is going through a process of strangeness from the migrant population that live or visit Itajaí Valley. This ritual is historically problematized in this article. Aiming to interpret the course of the Christmas characters from Europe towards North and South America, and how reinventions are operated on them, that imply on the perception of familiarity and strangeness. The research was based on a survey and interpretation of different

---

\* Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Bolsista da Capes. Historiador no Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Brusque. *E-mail:* [historiador@fcbrusque.sc.gov.br](mailto:historiador@fcbrusque.sc.gov.br)

\*\* Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. *E-mail:* [ilani Coelho@gmail.com](mailto:ilani Coelho@gmail.com)

diferentes tipologias de fontes que envolveram a literatura sobre a celebração de Natal. Argumentamos que pela pesquisa histórica é possível vislumbrar os processos de produção de sentido com relação aos personagens de Natal, bem como o jogo de memória e esquecimento que move o ritual na contemporaneidade local e permeia a tensão entre a familiaridade e o estranhamento.

types of sources surrounding the literature on the Christmas celebration. By the historical research it is discussed being possible to detect the production of meaning processes related to the Christmas characters as well as the game of memory and forgetfulness that conducts the ritual into local contemporaneity permeates tension between its familiarity and strangeness.

**Palavras-chave:** Patrimônio. Memória. *Pelznickel*.

**Keywords:** Heritage. Memory. *Pelznickel*.

---

## Introdução

O *Pelznickel* é uma personagem que aparece anualmente no Vale do Itajaí-Mirim durante a celebração de Natal, mais notadamente entre 6 e 24 de dezembro. (AMANHÃ, 2007). Sua aparência lembra a de um terrível monstro – uma besta com chifres que vem da floresta. Seu traje é composto de uma adaptação local de uma peça de roupa feita de trapos e “barba de velho”<sup>1</sup> ou gamiova.<sup>2</sup> Com chifres na cabeça, carregando chicote, corrente ou vara na mão, também pode portar adereços como sinos ou mesmo chupetas infantis, sugerindo ações a serem abandonadas pelas crianças. (MACHADO, 2010). Sua aparência ameaçadora permite, por meio de intimidação, cobrar o bom comportamento das crianças em uma espécie de “Dia do Julgamento” (NISSENBAUM, 1997, p. 76).

Em Guabiruba,<sup>3</sup> este “Dia do Julgamento” tinha como espaço um ambiente doméstico desde o início da colonização alemã<sup>4</sup> em 1862 até os anos 1980, quando começou a cair em desuso, não aparecendo mais em algumas celebrações natalinas. (PIAZZA, 1960, p. 164). Essa interrupção foi percebida por um grupo<sup>5</sup> chamado “Sociedade do *Pelznickel*”, que foi formado durante o Natal de 2005 com o desejo de resgatar o seu ritual e se envolver com a preservação da herança de seus ancestrais. (CERBARO, 2009). Esse desejo de resgate produziu um novo ritual levando-o para fora das casas, nas ruas, em uma espécie de *Caravana do Pelznickel*. Ele dirige cerca de 40km pelas ruas da cidade,

tendo mais de quatro horas em sua jornada. Se houve mudança na celebração de Natal envolvendo um ritual com *Pelznickel* no interior das casas por aproximadamente 15 minutos para o exterior das mesmas – nas ruas –, em uma breve passagem em cima de automóveis, como isso pode ser compreendido?

Ao estudar como as tradições surgiram e se estabeleceram, o historiador britânico Eric John Ernest Hobsbawm e Terence Ranger sugerem que “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”. (1997, p. 9). Por tradições entende-se um “conjunto de práticas [...] de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9). O conceito “tradição inventada” inclui tanto as tradições “realmente inventadas” quanto “as que surgiram de maneira mais difícil de localizar”. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9). Contudo, a principal característica das tradições é a invariabilidade, pois “o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas” que requerem compatibilidade e identificação com as precedentes. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 10).

Por sua vez, o sociólogo britânico Anthony Giddens, por ocasião de uma obra fruto do ataque a um “ambicioso conjunto de temas sobre o estado do mundo no final do século [XX]”, empreendido durante as Conferências *Reith da British Broadcasting Corporation* para o ano de 1999 (2007, p. 9), sugere, categoricamente, que todas as tradições são inventadas, enfatizando que “as tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas”. (GIDDENS, 2007, p. 51). Dessa forma, Giddens avança em sua análise, para além do pioneirismo de Hobsbawm e Ranger, ao afirmar que “as características distintivas da tradição são o ritual e a repetição”, e não sua persistência ao longo do tempo. (GIDDENS, 2007, p. 51). Além disso, a tradição “define um tipo de verdade, [pois] uma pessoa que segue uma prática tradicional não cogita alternativas”. (GIDDENS, 2007, p. 52).

Desse debate pode-se questionar se, na atualidade, o *Pelznickel* seria uma tradição herdada sem ser vivida de maneira tradicional, já que a “Sociedade do *Pelznickel*” ao desejar resgatá-la, promove sua espetacularização. Durante o desfile, ele desce dos carros e se aproxima de algumas pessoas questionando sobre o seu comportamento ao longo do ano. Muitas pessoas aproveitam para registrar o momento fotografando para colocá-lo nas redes sociais, o que sugere que a prática foi hiper-espetacularizada.<sup>6</sup>

Na visão dos praticantes desse ritual, o medo e o respeito caminham juntos. (MACHADO, 2010). Para eles o *Pelznickel* é um educador e, por conta disso, algumas crianças ainda obedecem a seus pais. (TRADIÇÃO, 2013). Para aquelas crianças que não se comportaram adequadamente, a ideia é que elas possam expressar seu arrependimento e prometer melhoria em seu comportamento. (MOTTA, 2006). Assim, a dimensão estética dessa figura está imbricada com o seu aspecto ético e com a história da imigração alemã para o Brasil a partir do século XIX (SEYFERTH, 1981) e com os modos de fazer dos imigrantes.

No século XXI, entre 2000 e 2013,<sup>7</sup> houve, por outro lado, um fluxo migratório interno de 57,78% que impactou o crescimento da população do Vale do Itajaí-Mirim. Proveniente de diferentes cidades brasileiras, o estranhamento dessa população ante o ritual é explicado por alguns de seus praticantes como parte de um processo de deturpação dos valores e da celebração de Natal. (CERBARO, 2009). Quais são os percursos envolvidos entre a familiaridade e o estranhamento pelos quais passaram os personagens da celebração de Natal no Vale do Itajaí-Mirim? A discussão histórica sobre tais percursos é feita no diálogo com a antropologia, em especial, com as noções de: catalisador (LÉVI-STRAUSS, 2008), *memoranda* (CANDAU, 2012), mímese (WULF, 2013) e retórica da perda (GONÇALVES, 1996), bem como com a filosofia a partir da noção de *quiebre* (ECHEVERRÍA, 1997) e da análise sociológica entre estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000).

O presente artigo origina-se de pesquisa financiada pela Capes<sup>8</sup> intitulada “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho leva: percursos históricos, usos e sentidos atribuídos ao *Pelznickel*”, ligada ao grupo de pesquisa “Cidade, Cultura e Diferença” e à linha “Patrimônio e Memória Social”, do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Univille. A pesquisa teve como base o levantamento e a interpretação de diferentes tipologias de fontes que envolveram a literatura

sobre a celebração de Natal que foi buscada em livros e artigos em bibliotecas brasileiras e em ambientes virtuais da internet. As imagens foram colhidas em acervos particulares e em instituições, tais como a Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim e a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América. As notícias veiculadas pela imprensa foram pesquisadas em acervos particulares, na coleção de jornais do Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim e também em arquivos virtuais dos jornais de Santa Catarina, *Washington Post*, *BBC*, *Harper's Magazine* e *Saturday Evening Post*. Essas fontes contribuíram para elucidar os percursos dessas personagens, sua construção, mutação e para perceber a recepção e tensões em âmbito local que as envolvem.

### **Genealogia dos presentadores da celebração de Natal na Europa**

De Sion ou Myra, o culto de São Nicolau se estabeleceu em diferentes contextos e períodos na Roma e na França católicas e na Rússia ortodoxa, tornando-se um santo ecumênico. Esses rituais que envolvem o santo apresentam seu triunfo sobre o diabo e o divulgam como um presenteador a partir do século XII. Embora assuma o papel de presenteador, para que o santo não pareça demasiado benevolente, é preciso lembrar que ele teve seu lado castigador. (BOWLER, 2007).

No século XVI, na Alemanha, São Nicolau foi substituído por um novo presenteador: o “Menino Jesus”, ou *Christkindl*. Essa substituição foi resultado de movimento conhecido como a Reforma Protestante. (BOWLER, 2007, p. 30). Apesar de Martinho Lutero ter rejeitado a veneração de santos, a criação da personagem *Christkindl* é algo que gera dúvidas. Curiosamente, desde o tempo da Reforma, *Christkindl* foi interpretada por uma adolescente em vestido de casamento como a figura que deveria substituir São Nicolau como presenteador. Decretos de conselhos municipais de alguns municípios da Alemanha, afetados pela reforma, contribuíram para coibir a presença da figura de São Nicolau, fazendo, ao mesmo tempo, uma recomendação para que os pais contassem às crianças que não era o santo, mas o Menino Jesus (*Christkindl*) quem os presenteava. (BECHTOLD, 2011). Nos anos seguintes à reforma, principalmente no meio protestante, algumas pessoas abandonaram o santo católico como presenteador, assim,

as famílias europeias logo descobriram que havia uma grande variedade de figuras misteriosas capazes de tomar o seu lugar, algumas escuras e ameaçadoras, algumas criaturas de luz e de graça, todos eles dispostos e capazes de suportar presente para as casas dos bons filhos. Os séculos entre a Reforma e a Revolução Industrial viu o aparecimento no Natal de bicho-papão desgrenhado, bruxas com dentes de ferro, figuras fantasmagóricas de branco, demônios com correntes, homens vestidos de pele, palha e couro de cabra, fadas, reis, anjos, santos, e um tronco de árvore que urinava e defecava. (BOWLER, 2007, p. 31).

A alusão de Bowler se refere mais especificamente ao período da Contrarreforma, pois se a Reforma introduzira *Christkindl* como personagem principal de uma alegre celebração de Natal, a Contrarreforma produzirá uma personagem de Natal que encarna não mais um justo juiz na forma episcopal, mas o transforma em uma espécie de demônio. Também como resultado desses movimentos iniciados ainda na Reforma Protestante, a doação de presentes mudou do dia de homenagens ao santo para o dia da véspera de Natal. No mesmo dia da celebração do Natal, estabelecida como sendo 25 de dezembro, segundo Nothhaft, há duas correntes que competem entre si para a sua definição:

Os defensores do que pode ser chamado de “Teoria da História das Religiões” interpretam a festa como uma versão cristianizada ou substituta para celebrações pagãs que ocorreram na mesma data no calendário romano, o exemplo mais citado é o aniversário de Sol invictus em 25 de dezembro. Sua visão é contestada por partidários da “Teoria do cálculo”, que encontram evidências na literatura cristã de que o aniversário de Cristo foi determinado de forma independente por recurso a certos tipos de especulação cronológica. (2011, 503).

O fato de o aniversário de Cristo ser nessa data, não necessariamente, excluiria também a possibilidade do ritual ter sido incorporado a partir de festividades pagãs, mas, para além dessa disputa sobre a definição da data do Natal, fica evidente que houve mudança no ritual que envolve o ato de presentear, passando do dia do santo para a véspera de Natal. Porém, o Menino Jesus (*Christkindl*) criado pela reforma não poderia ser o Menino Jesus na manjedoura, porque uma criança não podia suportar carregar um saco pesado com presentes. Por isso, passou a ser representado por uma adolescente vestida de branco. (BOWLER, 2007, p. 32). Assim, por não ter

mais do que um homem adulto no ato de dar (e carregar presentes) não se poderia mais esperar que ele encarnasse a função punitiva, até agora acumulada por São Nicolau. Foi necessário, então, fornecer à adolescente *Christkindl* “uma coleção de ajudantes peludos”, resultante da metamorfose semibestial de São Nicolau – principalmente na tradição católica. Esse, por sua vez, teve sua forma episcopal de aparecer proibida em certas áreas, ressurgindo sob uma série de disfarces. (BOWLER, 2007, p. 33).

É da fronteira das regiões alemãs de Baden e Palatinado que vem uma variante chamada *Pelznickel*. Esse presenteador seguirá dois caminhos completamente diferentes: o primeiro, nos EUA, no início do século XIX, deu origem ao Papai Noel; o outro envolveu o processo de imigração alemã no Vale do Itajaí-Mirim em meados do século XIX, e a adaptação com materiais locais que deu origem ao *Pelznickel* da floresta. Qual é a relação entre *Pelznickel* e São Nicolau que apareceu nos Estados Unidos? Como essa reinvenção veio para o Vale do Itajaí? Que impacto ele tem sobre o *Pelznickel*?

### ***Pelznickel* vai para os Estados Unidos da América: ajudando a construir o Papai Noel**

Apesar de ser demonizado em muitos aspectos na Europa, uma forma episcopal de São Nicolau apareceu nos Estados Unidos a partir da criação da *New York Historical Society* (NYHS). Washington Irving foi o primeiro membro dessa sociedade a dar uma contribuição à divulgação da personagem nos EUA. Em 1809, publicou uma história satírica denominada “Uma História de Nova York desde o início do mundo até o fim da dinastia holandesa de Diedrich Knickerbocker”. (BOWLER, 2007, p. 36). Nessa história, São Nicolau é retratado voando de trenó sobre árvores e entrando pelas chaminés para entregar presentes. (BOWLER, 2007, p. 37; FORBES, 2007, p. 40; IRVING, 1809). Uma segunda contribuição foi dada pelo comerciante John Pintard, quando a NYHS escolheu o santo como padroeiro da cidade e da instituição. Pela primeira vez, em 1810, em 6 de dezembro, o NYHS comemorou o aniversário de São Nicolau, tendo designado o artista Alexander Anderson para moldar a aparência do santo que foi divulgada através de um panfleto com um poema. Nele, São Nicolau tem uma aparência episcopal e aparece relacionado a uma cena holandesa. Menos de duas semanas após o lançamento do folheto, em 15 de dezembro, um poema anônimo

apareceu no *New York Spectator* elogiando Papai Noel por conta de seus presentes (BOWLER, 2007, p. 38). Nesse poema, o santo é chamado de “Sancte Claus”.

Uma década mais tarde, precisamente em 1821, foi editado o livro de William Gilley *Amigo das crianças: presente de Ano-Novo*, para os mais pequenos de 5 a 12" (THE CHILDRENS, 1821). Foi o primeiro livro litografado dos Estados Unidos, veiculando um poema de oito versos ilustrados com oito fotos, ambos sem autoria. Essa obra contribuiu significativamente para a representação do Papai Noel. De maneira geral, cada uma dessas obras distanciava o Papai Noel daquele São Nicolau relacionado a uma tradição católica, fosse por variações de nome e aparência, fosse por elementos que envolviam sua aparição ou mesmo sua personalidade. (BOWLER, 2007, p. 29-50; EBERSPÄCHER, 2002, p. 9). Percebe-se, pois, que essa mutação de São Nicolau em Papai Noel nos EUA foi sendo feita gradual e cumulativamente sem que houvesse uma ruptura brusca com a representação inicialmente veiculada pela NYHS.

Finalmente, um dos poemas que mais influenciou na criação do Papai Noel foi publicado anonimamente, em 23 de dezembro de 1823, pela revista *The Troy Sentinel de New York*. Seu título é “Relato da visita de São Nicolau”. (MOORE, 1837).<sup>9</sup> A autoria do poema foi atribuída, em uma coletânea de poemas, a Clement Clarke Moore – a quem o poema é creditado, embora a família do veterano de guerra Henry Livingston a reivindicasse posteriormente.<sup>10</sup> O historiador americano Stephen Nissenbaum destaca que o São Nicolau descrito nesse poema é destituído de caráter punitivo, pois, na descrição poética, a personagem “perdeu sua autoridade, sua majestade, até a sua dignidade patrícia [...]. Ele carrega cetro de bispo. Ele está vestido [...] de peles”. (NISSENBAUM, 1997, p. 78). Isso sugere que o poema é a primeira modificação não apenas estética, mas também ética, resultante de operações que envolvem São Nicolau, Pelznickel e Papai Noel. Dito de outro modo, é possível perceber incorporações, exclusões, adições ou substituições de elementos visuais do *Pelznickel*, como mudanças simbólicas de valores e condutas que envolviam a punição de crianças.

Essa explicação ganha consistência quando verificamos que há registros que o *Pelznickel* apareceu na Pensilvânia, no final de 1820 (NISSENBAUM, 1997, p. 99), podendo ter servido a Moore como um catalisador para sua recepção entre a população de origem alemã. Segundo o historiador Gerry Bowler, *Pelznickel* foi para a América do

Norte com os imigrantes alemães no século XVIII, particularmente nas áreas da Pensilvânia e Maryland, bem como em New Brunswick, no Canadá. Ele teria sido uma desgrenhada figura vestida com peles que também presenteava ou virava ajudante que acompanhava São Nicolau ou o *Christkindl* (BOWLER, 2014).

Bowler também associa a inspiração do *Pelznickel* à imagem do Papai Noel produzida pelo imigrante Thomas Nast. O cartunista nasceu em Landau, uma pequena cidade situada no Palatinado, Alemanha, região de fronteira com Baden, de onde são provenientes os imigrantes que vieram para Brusque e Guabiruba, em 1860. A família de Nast emigrou para os Estados Unidos em 1846, quando Nast tinha 6 anos de idade. Em 1863, Nast ganhou fama aos 23 anos, tendo sido o Papai Noel desenhado por ele o seu maior legado. (FORBES, 2007, p. 44; BOWLER, 2007, p. 64). Sua obra-prima foi publicada na capa da revista *Harper's Weekly*, em 3 de janeiro de 1863, revista para a qual Nast desenhou o Papai Noel por quatro anos. (BOWLER, 2007, p. 64). Essa primeira ilustração de Nast relaciona sua roupa vestida de peles com estampas que remetem à bandeira dos EUA o que evidencia o contexto de guerra civil polarizada entre os Estados do Norte e os do Sul, o que conferiu a Nast o título de importante cartunista político.<sup>11</sup>

As relações que podem ser vislumbradas entre Papai Noel e *Pelznickel* tem fundamento empírico quando se considera a declaração da Coca-Cola de que o Papai Noel, veiculado inicialmente em suas propagandas, fora inspirado na obra de Nast. Sobre isso, a empresa informa que teria começado a sua publicidade de Natal em 1920 com anúncios em revistas como *The Saturday Evening Post* (COCA-COLA, s/d), com anúncios ilustrados por Haddon Sundblom. O artista foi instruído a criar anúncios para a empresa usando um Papai Noel para endossar o produto. A empresa ressalta que “mesmo que se diz muitas vezes que Papai Noel veste um casaco vermelho porque o vermelho é a cor da Coca-Cola, o Papai Noel já havia aparecido em vermelho antes que Sundblom o desenhasse”. (COCA-COLA, s/d).

A Coca-Cola admite que não criou o Papai Noel e muito menos tingiu de vermelho suas roupas. Desse modo, a Coca-Cola recebeu um Papai Noel pronto, que carrega um saco de brinquedos.<sup>12</sup> É um idoso obeso, cavalheiro e veste um traje vermelho<sup>13</sup> e pele na cabeça e nos pés<sup>14</sup> e usa um grande cinto preto.<sup>15</sup> No entanto, ao contrário das ilustrações anteriores, a da revista *Puck*, no Natal de 1902, elaborada

pelo artista australiano Frank Arthur Nankivell, é uma das primeiras aparições do Papai Noel mais próximas da contemporânea. Portanto, a imagem que a Coca-Cola ajudou, sem dúvida, a popularizar, foi construída a partir de várias contribuições anteriores ao seu uso comercial. Assim, esta pesquisa permitiu, por um lado, compreender a criação poética e estética relacionada ao processo de imigração e à reinvenção do *Pelznickel* nos EUA a partir de São Nicolau; por outro lado, um uso econômico que, paradoxalmente, terminou por popularizar e desfigurar o *Pelznickel*.

Em geral, sustentamos que a metamorfose de São Nicolau em Papai Noel ocorreu de acordo com o que Echeverría (1997) denomina de transparência, ou seja, em uma atmosfera não reflexiva onde ocorreu a mutação de pequenos elementos cumulativamente, de modo que São Nicolau deixasse de ser ele próprio, se transformando em Papai Noel por já não apresentar as características originais. Portanto, a estranheza que verificamos durante as celebrações atuais de Natal no Vale do Itajaí, pela pesquisa histórica, vai gradualmente ganhando contornos familiares. Quando São Nicolau tornou-se Papai Noel nos EUA, ele já havia sofrido uma série de inovações e modificações de elementos que o distinguira do original. Como essa personagem deixou os EUA e veio para uma pequena cidade, inicialmente colonizada por imigrantes alemães, no Sul do Brasil que tem o *Pelznickel* como o presenteador de Natal?

### ***Pelznickel* e Papai Noel no Vale do Itajaí-Mirim**

Embora seja afirmado que o *Pelznickel* é uma tradição ligada ao processo de imigração, só encontramos uma menção escrita sobre *Pelznickel* no Vale do Itajaí, em um livro de 1960 (PIAZZA, 1960) e na imprensa em 1993 (KONS, 1993). Na imprensa local, após 2005, o que se fala sobre ele se tornou monopólio da “Sociedade do *Pelznickel*”, aparecendo anualmente nas páginas de jornais. Hoje em dia, o *Pelznickel* foi substituído em muitas localidades pelo Papai Noel, tanto por uma suposta influência norte-americana sobre a população local nascida em Guabiruba quanto por uma suposta influência de rituais da celebração de Natal trazidos pela população migrante de outras regiões do Brasil para o Vale do Itajaí e que não reconhecem o *Pelznickel* como personagem da celebração de Natal.

Tais argumentos foram utilizados pelos praticantes do *Pelznickel* quando, em dezembro de 2005, resolveram criar a “Sociedade do *Pelznickel*”. Entendiam seus fundadores<sup>16</sup> que, com a gradual substituição do *Pelznickel* pelo Papai Noel por parte dos habitantes locais a partir da década de 1970 e também a utilização do Papai Noel por migrantes que adentram a região fazendo com que o contingente populacional dobrasse a partir da década de 1990, o ritual que eles praticavam estava sendo ameaçado, propondo, então, que a tradição do *Pelznickel* fosse resgatada.<sup>17</sup> Se no momento inicial o desejo de resgate da tradição se limitava a um desejo de memória, aos poucos, a prática ritual foi ganhando novos usos: uma função pedagógica para crianças e migrantes e também uma função econômica, visando a turistas curiosos, que poderiam vir a ser potenciais adeptos da prática. De que forma podemos pensar essa relação da “Sociedade do *Pelznickel*” com o público-alvo dessa prática ritual?

Ao se debruçarem sobre os índices de delinquência em uma pequena comunidade inglesa de nome fictício, Winston Parva, durante três anos, os sociólogos Norbert Elias e John L. Scotson deslocaram seus estudos para um problema mais geral sobre a relação entre diferentes zonas de uma mesma comunidade. Eles foram motivados por opiniões de moradores de segunda e terceira gerações de um dos bairros mais antigos que continuaram a estigmatizar os novos moradores do bairro próximo, mesmo após os índices de delinquência praticamente se igualarem entre ambos. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 15).

Curiosamente a relação de poder se dava a partir da divisão entre dois grupos quanto ao tempo em que residiam na comunidade: os *estabelecidos* que viviam nas intermediações ou na região mais nobre há mais de duas gerações e os *outsiders*, que morando na região menos nobre, não nascidos ali, tinham vindo de outros lugares. Esses termos nos ajudam a pensar a reinvenção do *Pelznickel*, na medida em que os *estabelecidos* de Guabiruba – a população que se encontra na terceira ou na quarta geração dos imigrantes *alemães* para a Colônia Itajahy, reivindicam o resgate de uma celebração de Natal que se vincula à sua memória e à história do município diante da celebração de Natal dos *outsiders* que têm como personagem principal o Papai Noel e que, a princípio, desconhecem o ritual envolvendo o *Pelznickel* – o que viria a denunciá-los como *outsiders*. Mas não entendemos apenas os migrantes por *outsiders*, uma vez que os *estabelecidos* também abandonaram o *Pelznickel* em detrimento da nova personagem importada.

A imagem de Papai Noel apareceu pela primeira vez na imprensa local em uma foto, em um anúncio de farinha de trigo “Buda Nacional”, em 1931. Até os anos de 1970, os leitores da imprensa brusquense tiveram contato apenas com três diferentes tipos de imagem de Papai Noel: o mencionado anúncio de 1931, outra imagem em 1958, e uma imagem que foi publicada quatro vezes entre 1962 e 1970.

Também, segundo notícias coletadas no jornal *O Município*, a celebração de Natal no Vale do Itajaí, até a década de 1970, foi realizada sem a presença de Papai Noel. A partir de 1975, as casas comerciais de Brusque passaram a contar com a presença física de Papai Noel, por meio de um boneco inflável importado dos EUA ou por pessoas que interpretavam Papai Noel. (HEIL apud SANTOS, 2002; SIEGEL apud MACHADO, 2010; SIEGEL apud MOTTA, 2007; EBEL apud MACHADO, 2008; FISCHER apud CERBARO, 2009; FISCHER apud MACHADO, 2010). Portanto, se a imagem de Papai Noel surgiu na imprensa de Brusque em 1931 e apenas cinco tipos de ilustração dele haviam sido publicadas esporadicamente até os anos 1970, foi somente a partir de 1975 que ele é visto materializado inicialmente a partir de casas comerciais.

Se São Nicolau inspirou *Pelznickel* que inspirou a representação de Papai Noel (imagem não devocional com o nome de São Nicolau e postura não punitiva), a disputa parece se concentrar entre Papai Noel e Menino Jesus, as duas divindades natalinas elencadas pelo historiador Gerry Bowler. Dessa forma, o conceito de *quiebre* do filósofo chileno Rafael Echeverría é operativo para compreendermos como alguns membros brasileiros da Igreja Católica passaram a se sentir incomodados com a importância que o Papai Noel ganhou na celebração de Natal. Echeverría explora o conceito de transparência de Martin Heidegger, que se refere a uma atividade não reflexiva. Echeverría sustenta que é somente quando o fluir dessa transparência se encontra interrompido que se produz o que ele chama de *quiebre*. (ECHEVERRÍA, 1997, p. 194). Nesse sentido, ao ver interrompido o fluir de sua concepção de celebração de Natal centrada em Jesus, a Igreja Católica concebe um *quiebre* ao questionar a crescente importância conferida a Papai Noel.

Foram veiculadas pela imprensa local algumas críticas feitas ao “desvio de atenção” do Natal como uma celebração religiosa para um período comercial (H. B. NATAL, 1935; SEDREZ, 1982; KOCH, 1987; NATAL, 2009), algumas ideias (PEREIRA, 1961, 1964, 1965a, 1965b, 1968, 1969) expressaram uma forte oposição à secularização da celebração de

Natal especialmente durante a década de 1960. (PEREIRA, 1965a). O padre brusquense Brasília Pereira (PEREIRA, 1965a) alertava que havia o grande perigo de esquecermos que Jesus era a principal personagem da celebração de Natal. Ao citar o teólogo e Bispo brasileiro Dom Cirilo Folch Gomes, Pereira ameniza a crítica e menciona a advertência do bispo para que os fiéis não dessem ênfase ao combate da figura lendária de Papai Noel, que tem pouco ou nada a ver com o espírito de Natal. A ideia de Gomes já havia sido propagada de maneira mais sutil na imprensa de Brusque quando disse que Papai Noel não esqueceria dos pobres, porque se ele não traz brinquedos, traz outra coisa mais sublime: a bênção do Menino Jesus. (PAPAI NOÉ, 1948). Mas por que reafirmar um Natal católico e o Menino Jesus como a figura principal da celebração de Natal? A evidência de mudanças na titularidade de quem seria o presenteador da celebração parece ter surgido na década de 1960 a partir do ataque de segmentos da Igreja Católica contra Papai Noel no Vale do Itajaí.

Ao tratar de um incidente, fruto das expressões de desaprovação das autoridades eclesiásticas para a crescente importância dada ao Papai Noel pelas famílias e comerciantes franceses do pós-Segunda Guerra Mundial, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss nos ajuda a avançar na análise dessa luta contra o Papai Noel. Para ele, a preocupação se voltou àquilo que a Igreja Católica francesa pensou ser a “paganização do Natal”, desviando a população em favor do sentido cristão de um mito sem valor religioso. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 5). Papai Noel era apenas a personificação desse aspecto da celebração secularizada, enquanto a Igreja francesa recomendava que o seu papel se limitasse a um contrapeso à demonização de São Nicolau, mantendo-se focada no nascimento de Jesus Cristo.

A controvérsia francesa teria se espalhado depois de um evento relatado pelo *France-Soir*<sup>18</sup> em 24 de dezembro 1951. A notícia dava conta de que o Papai Noel fora enforcado, pendurado nas grades da Catedral de Dijon e queimado. Todo o *show* teria acontecido na frente de várias centenas de internos do orfanato.<sup>19</sup> Segundo Lévi-Strauss, o poder e o prestígio dos EUA exerceu grande influência na França sobre a celebração de Natal depois de 1950, assumindo uma dimensão desconhecida antes da guerra:<sup>20</sup> vieram grandes pinheiros, papel decorativo para embalar presentes, cartões de felicitações, campanhas do Exército da Salvação, e, até mesmo, as pessoas vestidas de Papai Noel

em grandes lojas de departamentos conforme percebemos em Brusque após meados da década de 1970. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 12-13).

Segundo esse autor, a fácil recepção de um ritual estrangeiro suplantando uma manifestação local ocorre porque “o costume importado não é assimilado, mas age como um catalisador, ou seja, com a sua presença faz com que [haja] o surgimento de um uso semelhante que já estava potencialmente presente no meio secundário”. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 16). Nesse sentido, o *Pelznickel* brasileiro serviu de catalisador, para que o ritual envolvendo Papai Noel durante a celebração de Natal fosse incorporado na região do Vale do Itajaí. Porém, a simples ideia de que uma prática ritual seria facilitadora para que fosse suplantada por outra não resolve a questão. Lévi-Strauss escreveu esse pequeno ensaio em 1952, período no qual a França encontrava-se sob forte influência americana o que pode ser resumido na análise de Armand Mattelart, para quem “o Plano Marshall é a alavanca que recoloca uma Europa devastada nas vias do crescimento, ele é também o cavalo de Tróia da ‘americanização da sociedade’”. (2002, p. 103).

O antropólogo alemão Christoph Wulf, ao estudar a importância do aprendizado mimético no mundo globalizado, ajuda a avançar na compreensão de como o Papai Noel foi catalisado pela existência da prática ritual do *Pelznickel* no Vale do Itajaí. Para Wulf, nesses rituais, é central a ideia de que os processos miméticos levam a uma “imitação criativa”, na qual “a imagem original que é usada para conduzir o processo criativo gradualmente se dissolve na obra [...] que assim emerge em um medium que é criado, em um medium diferente da imagem na imaginação”. (WULF, 2013, p. 49). A criação de imagens envolve, portanto, a transformação da imagem original percebida em um *médium*. (WULF, 2013, p. 48-50). Portanto, é a mímese que permitiria à tradição sua continuidade, mas com um caráter sempre mutável – ou catalisável. Dessa forma,

a cultura é transmitida através desse processo de incorporação e atribuição de sentido de produtos culturais. A habilidade mimética de transformar o mundo material externo em imagens, transferindo-as para nosso mundo interior de imagens e tornando-as acessíveis para outros permitem aos indivíduos a formação ativa de realidades culturais. [...] Esse processo envolve [...] também [...] relações sociais e formas de atividade e o modo como a vida social é encenada e executada. (WULF, 2013, p. 53-54).

Seria isso que “cria um dinamismo cultural entre gerações e culturas que constantemente dão origem a coisas novas” (WULF, 2013, p. 54), o que também pode explicar o processo cultural que permitiu que nos EUA fosse criado um novo presenteador natalino chamado Papai Noel. Desse modo, é importante ressaltar que as ações mímicas não são meras reproduções, pois elas pressupõem um processo de criação. Conforme Wulf, “no ‘adaptar-se e tornar-se similar’ a situações experimentadas anteriormente e a mundos que ostentam as marcas da cultura da qual eles fazem parte, os sujeitos adquirem as competências necessárias para se comportar apropriadamente em certas situações”. (2013, p. 59). Isso permite que as crianças relacionem a figura assustadora do *Pelznickel* a uma espécie de “juízo final”, sendo que o comportamento do *Pelznickel* dependerá de como a criança se comportou durante o ano, o que implicará o modo como ela própria agirá quando confrontada com a personagem: temer ser levada para o mato pelo mau comportamento apresentado ou suspirar aliviada quando esse não lhe oferece perigo, justamente por ter adotado um bom comportamento.

Wulf defende, ainda, que, “ao imitar os gestos e se aproximar deles, a pessoa que está se comportando mimeticamente adquire a competência de projetar e empregar gestos cenicamente e modificá-los para que se adequem às circunstâncias”. (2013, p. 135). Portanto, se as crianças que assistem *ao* e participam *do* ritual do *Pelznickel* aprendem mimeticamente o que fazer em sua presença e, mais tarde, quando adultos, como se portar como um *Pelznickel*. Isto requer um conhecimento prático, sendo que o que é necessário

para as ações sociais não é somente histórico e cultural, mas também corporal e lúdico; ele é formado em situações práticas e não é semanticamente inequívoco; ele tem componentes do imaginário e não pode ser reduzido à intencionalidade, ele incorpora um excesso de significado e pode ser visto em encenações sociais e performances da religião, da política e da vida cotidiana. (WULF, 2013, p. 61-62).

Essas performances envolvem corpo e alma. No caso específico do *Pelznickel*, visto como um ritual da celebração de Natal, a personagem se materializa em carne e osso, e a alma é toda a bagagem cultural que a criança desenvolve em sua infância, principalmente a partir das advertências dos adultos em relação ao *Pelznickel*. Por outro lado, se as

performances não envolvem a “alma”, o corpo torna-se estranho e compreendido de forma diversa a ponto de ser indiferente ou mesmo indesejado. É nesse ponto que a prática ritual passa a cair em desuso.

Ao analisar as modalidades de invenção discursiva no Brasil, produzidas por intelectuais, associadas à formulação e implementação de políticas oficiais de patrimônio cultural, o antropólogo brasileiro José Reginaldo Santos Gonçalves denomina de *retórica da perda* as “narrativas que se configuram como respostas a uma situação social e histórica na qual valores culturais são apresentados sob o risco iminente de desaparecimento” (1996, p. 89), panorama verificado no caso local a partir do processo mimético-catalisador que culminou na substituição do presenteador *Pelznickel* pelo Papai Noel, produzindo um *queibre* formulado na concepção de Gonçalves, como retórica da perda.

Para ele, a coerência narrativa sobre o *Pelznickel* seria concebida como uma coerência factual. Assim, o *Pelznickel* seria tributário daqueles descendentes de alemães, por mais que seus antepassados tivessem imigrado para o Vale do Itajaí em 1860, antes da formação do Estado Nacional da Alemanha. Além disso, ele é narrado como uma herança da cultura alemã, substantivada como algo inato e inerente, ignorando que sua própria vestimenta sofreu adaptações locais. Além disso, se antes as crianças apanhavam, agora são ameaçadas de serem carregadas para a floresta. Com isso, paradoxalmente, a germanidade<sup>21</sup> do ritual é experimentada por meio de sua ausência. Essa ausência do elemento germânico nessa celebração, aliado ao crescente número de habitantes que desconhecem citada tradição cultural é percebida como uma situação de perda progressiva e, curiosamente, o discurso de alerta é o mesmo que produz essa perda. (GONÇALVES, 1996, p. 20-21).

Essa análise permite compreender o *Pelznickel* sob o ponto de vista do discurso da perda de identidade germânica: ele encarna uma expressão de identidade badense no Brasil por um grupo de teuto-descendentes que viam não só a sua prática desaparecer diante da assimilação do Papai Noel, bem como a crescente onda migratória que atinge o Município de Guabiruba, no Estado de Santa Catarina,<sup>22</sup> trazendo pessoas que não tiveram o *Pelznickel* como referência em sua infância e que não se identificam com o ritual de origem germânica. Essa suposta autenticidade seria atestada a partir de sua própria impossibilidade, pois

em suas narrativas, a identidade nacional “é”, na medida em que é alocada na “tradição” ou na “cultura popular”, devendo, por isso mesmo, ser descoberta ou redescoberta, protegida e preservada contra a fragmentação e a destruição. Ao mesmo tempo, essa identidade “não é”, ou, pelo menos, tem sua experiência ameaçada, na medida em que essas entidades (“tradição”, “cultura popular”) estão em processo de desaparecimento. A identidade nacional não é anterior a essa tensão, mas, precisamente o seu efeito. (GONÇALVES, 1996, p. 61).

Por conta disso, observamos que o *Pelznickel* deixa de ser tradição quando passa a fazer parte de um discurso em que é afirmado como sendo uma tradição, ou seja, quando há um panorama de perda em que o *Pelznickel* é majoritariamente abandonado como a principal personagem do Natal em detrimento do Papai Noel, passando a ganhar o rótulo de tradição em uma tentativa de ser autenticado discursivamente. Por fim, uma prática catalisada mimeticamente que produz uma retórica de perda enquanto *quiebre* levou a “Sociedade do *Pelznickel*” a um desejo de resgate. Qual é o sentido de empreender tal ação de resgate, como um discurso afirmativo, se ele é movido por um panorama de perda?

Nesse passo, ao observar algumas modalidades de passagem de formas individuais da memória e identidade a formas coletivas, o antropólogo francês Joël Candau (2012) denominou de “memoranda” o trabalho de construção da identidade, entendida como algo digno de entrar na memória. Candau afirma que essa seleção de coisas do passado é uma ideia muitas vezes subjacente ao discurso sobre a manutenção das tradições. Desse modo, a memória das origens que tenha como base uma historicização dos acontecimentos fundadores é enraizada com o objetivo de naturalizar a comunidade que, então, não terá necessidade de outra definição que a autoproclamação de si, desnaturalizando, portanto, as demais histórias e, por consequência, estranhando o Papai Noel familiar dos grupos contemporâneos de migrantes que desconhecem o *Pelznickel*.

A partir das reflexões de Wulf, podemos perceber, através de sentimentos de familiaridade e estranhamento que envolvem os rituais de celebração do Natal algo que se torna visível (*quiebre*) e que, de outra forma, não encontraria expressão, (WULF, 2013, p. 145). Esse *quiebre* revela um conflito cultural que se insere na perspectiva dos sociólogos Norbert Elias e John L. Scotson, entre os estabelecidos (descendentes

de alemães no Vale do Itajaí há mais de três gerações e que têm o *Pelznickel* como sua personagem de Natal) e os *outsiders* (migrantes ou visitantes que têm o Papai Noel como sua personagem de Natal).

## Conclusão

Ao nos propormos a interpretar os caminhos das personagens de Natal da Europa em direção à América do Norte e à América do Sul, e como neles são operadas reinvenções que implicam percepções de familiaridade e de estranhamento em Guabiruba, verificamos que as personagens natalinas surgem de movimentos religiosos subversivos à ordem reinante. Ao aportar nos EUA como fluxo imigratório alemão, o *Pelznickel* empresta sua aparência a um movimento de secularização de São Nicolau que, por sua vez, acaba por se transformar em Papai Noel, uma versão mercantilizadora do santo. Por fim, esse fluxo imigratório atinge Brusque e Guabiruba, em Santa Catarina, onde a personagem *Pelznickel* deixa de ser a única personagem natalina após a década de 1970. Nesse período, muitos habitantes nascidos nessas localidades abandonam o *Pelznickel* e optam pelo Papai Noel. Além disso, o fluxo migratório traz consigo referência a Papai Noel como personagem natalino, estranhando o ritual local ligado ao *Pelznickel* – embora desconheçam que esse foi fundamental para a aparência do Papai Noel.

Desse modo, os percursos históricos das personagens da Europa e das Américas para o Vale do Itajaí, em diálogo com a antropologia, possibilitam a compreensão do jogo em que são operadas as reinvenções rituais na celebração de Natal local. As personagens da celebração de Natal na Europa partem rumo à América do Norte e à América do Sul, sendo catalisadas mimeticamente a partir de contextos e tensões sociais locais. O produto dessa catalisação mimética nos EUA acaba se tornando hegemônico no Vale do Itajaí a partir da década de 1970, produzindo um *quiebre* a partir da retórica da perda operada por um grupo que institucionaliza sua prática ritual em um *memoranda*. A ação engajada pela *memoranda* defendida por um grupo vai espetacularizar a variante local e produzir estranhamento na população migrante do Vale do Itajaí que tem no Papai Noel a sua personagem de Natal, que, até a década de 1970, era estranha nessa região. Em suma, essa tensão marcará uma distinção entre os estabelecidos e os *outsiders*.

## Agradecimentos

Nosso agradecimento à Dra. Eva Kreissl, curadora do Museu de Folclore do *Universal Museum Joanneum de Graz* (Áustria), por sua gentileza em me ceder informações sobre a pesquisa relativa ao *Krampus*, a variante local de *Pelznickel*. Ao Dr. Gerry Bowler, da Universidade de Manitoba (Canadá), por esclarecer alguns pontos sobre sua pesquisa sobre Papai Noel.

## Notas

---

<sup>1</sup> A *Tillandsia usneoides* L. é um tipo de Bromélia que vive em árvores ou em outros substratos inertes, absorvendo água e nutrientes diretamente do ambiente, sem apresentar raízes. Ela é popularmente conhecida por “barba-de-velho”, “cravodo-mato”, “barba-de-pau” ou “camambaia”. É nativa do Brasil, e sua dispersão ocorre com o vento e os pássaros, que a transmitem de uma árvore para outra. Apresenta propriedades medicinais, sendo utilizada com a função de aliviar sintomas de *Diabetes mellitus*, antibiótica, antirreumática, adstringente e anti-hemorroidal. Os índios Guarani utilizavam-na principalmente para evitar a gravidez. Outros usos são feitos em artesanato, enchimento de colchões, travesseiros e também como bioindicadora da qualidade do ar. (FLORASBS, s/d; NOGUEIRA, 2006).

<sup>2</sup> *Geonoma gamiova* Barb. Rodr. (ou *Geonoma Lorenzi meridionalis*), popularmente conhecida por gamiova, foi muito utilizada pelos colonos para cobrir o telhado no Vale do Itajaí. (LORENZI, 2010; RODRIGUES, 1974; CECCON-VALENTE, 2009).

<sup>3</sup> Guabiruba é uma pequena cidade no Vale do Itajaí, localizada entre Brusque e Blumenau, no Estado de Santa Catarina, Região Sul do Brasil.

<sup>4</sup> Ressaltamos que em 1862 a Alemanha ainda não estava unificada como Estadação e que, mesmo após 1871, a ideia de nação alemã unificada culturalmente enfrentou várias dificuldades devido às diferenças regionais.

<sup>5</sup> Ao analisar as modalidades de invenção discursiva no Brasil, produzidas por intelectuais e associadas à formulação e implementação de políticas oficiais de patrimônio cultural, Gonçalves denomina de “retórica da perda” as “narrativas que se configuram como respostas a uma situação social e histórica na qual valores culturais são apresentados sob um risco iminente de desaparecimento”. (GONÇALVES, 1996, p. 89).

<sup>6</sup> O jornalista e filósofo Juremir Machado da Silva entende que a época em que cada indivíduo abdicava de seu protagonismo para se tornar um espectador acabou. Para ele, vivemos no hiperespetáculo, em que se considera agora a contemplação “de si

mesmo em um outro, em princípio, plenamente alcançável, semelhante ou igual ao contemplador”. (SILVA, 2007, p. 31).

<sup>7</sup> Observatório Social de Brusque. Guabiruba é a cidade que tem maior crescimento populacional. *Online*. Disponível em: <<http://www.osbrusque.com.br/web/noticia.php?noticia=452:guabiruba-e-a-cidade-que-tem-maior-crescimento-populacional>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

<sup>8</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma fundação do Ministério da Educação.

<sup>9</sup> Publicado anonimamente, sua autoria foi reivindicada anos mais tarde por Clement Clarke Moore quando o poema foi publicado no *New York Book of Poetry* em 1844 (BOWLER, 2007, p. 51), bem como pela família do veterano de guerra Henry Livingston, que afirmara que uma pessoa que ouviu Livingston recitar o poema solicitou uma cópia, indo trabalhar como governanta de Moore anos mais tarde.

<sup>10</sup> Segundo Forbes (2007, p. 41), a família do veterano de guerra Henry Livingston reivindicou a autoria do poema. Em 2000 o professor especializado em análise linguística, Don Foster, tomou partido de Livingston na disputa pela autoria do poema com Clement Clarke Moore.

<sup>11</sup> Nast criou também o símbolo do Partido Republicano (elefante) e do Partido Democrata (burro), sendo também responsável pela versão final do Tio Sam. (BOWLER, 2007, p. 64).

<sup>12</sup> Poema anônimo publicado no *New York Spectator*, em 1810.

<sup>13</sup> Cf. *The Children's Friend* (1821).

<sup>14</sup> Cf. *A Visit From St. Nicholas* (mais conhecido por *The Night Before Christmas*) (MOORE, 1823).

<sup>15</sup> Cf. *Harper's Weekly*, de 3 de janeiro de 1863. (NAST, 1863).

<sup>16</sup> A “Sociedade do *Pelznickel*” foi criada em 6 de dezembro de 2005 (ESTATUTO, 2013) por Ivan Elias Fischer, Fabiano Siegel e Vandrigo Kohler, recebendo, posteriormente, a adesão dos irmãos Adailton e Ademir Klann.

<sup>17</sup> Ao propor que os museus considerem a identidade como objeto de análise crítica e compreensão histórica ao invés de fins ideológicos (MENESES, 1993, p. 308), o museólogo brasileiro Ulpiano de Meneses afirma que, no contexto dos museus, “a identidade não é uma essência, um referencial fixo, apriorístico, cuja existência seja automática e anterior às sociedades e grupos – que apenas os receberiam já prontos do passado”. (MENESES, 1993, p. 210). Dessa forma, a identidade deve ser compreendida como processual, pois “‘resgatar a identidade’ é objetivo impossível de atingir. Como recuperar algo que não é estático, não tem contorno definitivo, pronto e acabado, disponível para sempre?” Assim, no caso do *Pelznickel*, esse desejo de resgate não se concretizaria primeiro por aspectos miméticos (WULF, 2013), segundo por estar condicionado a novas práticas culturais, uma vez que a sociedade contemporânea é diferente daquela de vinte ou trinta anos atrás.

<sup>18</sup> O *France-Soir* foi um jornal diário publicado em Paris (França). Surgiu sob o nome *Defense de la France* em novembro de 1944, sendo fundado clandestinamente durante a ocupação alemã da

França, na Segunda Guerra Mundial. Após o término do conflito, foi rebatizado como *France-Soir*. Na década de 1950, atingiu a tiragem de 1,5 milhão de jornais diários, tornando-se o mais lido na Europa. No início do século XXI, esse número caiu para menos de 100 mil exemplares diários. Em dezembro de 2011, circulou a sua última edição impressa. (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2014).

<sup>19</sup> Seguidas as críticas ao clero, essa querela ganhou ares políticos ao ser apropriada por opositores do Partido Democrata-Cristão, que se passaram por defensores do Papai Noel que fora ameaçado, resultando num paradoxo que ele ironiza: “É como se a Igreja adotasse um espírito crítico ávido por franqueza e verdade, enquanto os racionalistas posam de guardiães da superstição.” Para o antropólogo, o episódio encobriria questões mais profundas. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 6-11).

<sup>20</sup> Segundo Mattelart, “se, após a guerra, o Plano Marshall é a alavanca que recoloca uma Europa devastada nas vias do crescimento, ele é também o cavalo de Tróia da ‘americanização da sociedade’.” (2002, p. 103).

<sup>21</sup> *Germanidade* é utilizada como sinônimo homogeneizador para a identificação de práticas culturais de grupos teuto-brasileiros – desconsiderando as diferenças específicas entre germanos, almanos e teutos, cujo viés não pretendemos aprofundar neste trabalho.

<sup>22</sup> Segundo censos demográficos do IBGE e estimativas para os anos intercensitários, a população do município passou de 7.150 pessoas, em 1980, para 9.634 em 1990. No ano 2000, a população era de 12.976 e, em 2010, esse número saltou para 18.430, quase dobrando na última década, evidenciando a forte migração para esse município.

## Referências

---

AMANHÃ é dia de São Nicolau. *O Município*, Brusque, p. 1, 5 dez. 2007.

BECHTOLD, Martina. Martin Luthers Christkind verdrängte den Nikolaus. *Evangelisch.de*, 20 dez. 2011. Disponível em: <[www2.evangelisch.de/themen/religion/martin-luthers-christkind-verdrängte-den-nikolaus54941](http://www2.evangelisch.de/themen/religion/martin-luthers-christkind-verdrängte-den-nikolaus54941)>. Acesso em: 6 mar. 2014.

BOWLER, Gerry. *Papai Noel: uma biografia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. *RE: Pelznickel in Brazil* [Internet]. Mensagem para Álisson Castro. 24 abr. 2014. Citado em: 16 maio 2014.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

- CECCON-VALENTE, Marília de Fátima. *Subsídios ecológicos ao uso sustentável da palha – Geonoma gamiova Barb. Rodr. (Arecaceae)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Agronomia, área de concentração Produção Vegetal) – UFPR, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/19488/Dissertacao%20Marilia%20F%20C%20Valente.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 mar. 2014.
- CERBARO, Suelen. Cultura alemã: tradição que ultrapassa gerações. *O Município*, Brusque, p. 4-5, 9 dez. 2009.
- COCA-COLA Company. *The true history of the modern day Santa Claus. Coca-Cola's Website. s/d; s/p*. Disponível em: <<http://www.coca-colacompany.com/holidays/the-true-history-of-the-modern-day-santa-claus>>. Acesso em: 28 fev. 2014.
- EBERSPÄCHER, Martina. *Der Weihnachtsmann: zur Entstehung einer Bildtradition in Aufklärung und Romantik*. Stuttgart: M. Eberspächer, 2002.
- ECHEVERRÍA, Rafael. *Ontologia del lenguaje*. Santiago de Chile: Dolmen, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2014. France-Soir. Chicago: *Encyclopædia Britannica*. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/216547/France-Soir>>. Acesso em: 16 abr. 2014.
- ESTATUTO Social – Sociedade do Pelznickel. Assembleia Geral Extraordinária, de 19 jul. 2013.
- FLORASBS. *Tillandsia usneoides – Barba-de-velho*. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/florasbs/bromeliaceae/barba-de-velho>>. Acesso em: 1º nov. 2013.
- FORBES, Bruce D. *Christmas: a candid history*. Berkeley; Los Angeles; University of California Press, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GONÇALVES, José R. S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Iphan, 1996.
- H. B. Natal. *O Rebate*, Brusque, p. 1, 21 dez. 1935.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Ed.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IRVING, Washington. *Knickerbocker's History of New York, Complete*. Chicago: Conkey Company, 1809. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/13042/13042-h/13042-h.htm>>. Acesso em: 16 maio 2014.
- KOCH, E. D. A festa do Natal. *O Município*, Brusque, 23 dez. 1987.
- KONS, Paulo. E renova-se a esperança. *O Município*, Brusque, p. 1, 23 dezo. 1993.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O suplicio do Papai Noel*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- LORENZI, Harri. *Flora brasileira: Arecaceae (palmeiras)*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2010. p. 240-242.
- MACHADO, Carina. Cultura de Natal: *Pelznickel: tradição que emociona e assusta*. *O Município*, Brusque, p. 8b-9b, 2 dez. 2010.
- MACHADO, Thayse Helena. Não se comportou? Pelznickel vai te pegar! *O Município*, Brusque, p. 5, 8 dez. 2008.
- MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. Bauru: Edusc, 2002.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de

- conhecimento). In: MUSEU PAULISTA HISTÓRIA E CULTURA MATERIAL, 1993, São Paulo. *Anais...* São Paulo: 1993. p. 207-222.
- MOORE, Clement C. A visit from St. Nicholas. In: HOFFMAN, C.F. *The New-York Book of Poetry*. New York: George Dearborn Publisher, 1837. p. 217-219. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=GTJAAAAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=%22new+york+book+of+poetry%22+1837&hl=pt-BR&sa=X&ei=OdC\\_cU\\_2SA8XisASxjoDADg&ved=0CBsQ6AEwAA#v=onepage&q=%22new%20york%20book%20of%20poetry%22+201837&f=false](http://books.google.com.br/books?id=GTJAAAAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=%22new+york+book+of+poetry%22+1837&hl=pt-BR&sa=X&ei=OdC_cU_2SA8XisASxjoDADg&ved=0CBsQ6AEwAA#v=onepage&q=%22new%20york%20book%20of%20poetry%22+201837&f=false)>. Acesso em: 20 maio 2014.
- MOTTA, Guédria Baron. Cuida que o “Pelznickel do Mato” vem te pegar. *O Município*, Brusque, p. 10-11, 22 dez. 2006.
- \_\_\_\_\_. Grupos mantêm viva tradição de São Nicolau. *O Município*, Brusque, p. 6, 5 dez. 2007.
- NATAL: Tempo de fé! *O Município*, Brusque, p. 1, 15 dez. 2009.
- NAST, Thomas. Santa Claus in camp. *Harper's Weekly*. Nova York, 3 jan. 1863. Biblioteca do Congresso (EUA). Disponível em: <<http://loc.gov/pictures/resource/cph.3c22770>>. Acesso em: 4 fev. 2014.
- NISSENBAUM, Stephen. *The battle for Christmas: a social and cultural history of our most cherished holiday*. New York: Vintage Books, 1997.
- NOGUEIRA, Cláudio Ailton. *Avaliação da poluição atmosférica por metais na região metropolitana de São Paulo utilizando a Bromélia Tillandsia Usneoides L. como biomonitor*. 2006. Tese (Doutorado em Tecnologia Nuclear – Aplicações) – Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/85/85131/tde-29052007-135539/>>. Acesso em: 11 jan. 2013.
- NOTHAFT, Carl P. E. From Sukkot to Saturnalia: The Attack on Christmas in Sixteenth-Century Chronological Scholarship. *Journal Of The History Of Ideas* [Online]. (2011, out.). [citado 12 abr. 2014]. p. 503-522.
- PAPAI Noé. *Correio Brusquense*, Brusque, p. 1, 24 dez. 1948.
- PEREIRA, Brasília. E a noite ficou como dia. *O Município*, Brusque, 23 dez. 1961. p. 1.
- \_\_\_\_\_. Os enfeites de Natal. *O Município*, Brusque, 24 dez. 1964. s.n.
- \_\_\_\_\_. Por um Natal cristão. *O Município*, Brusque, p. 1, 10 dez. 1965a.
- \_\_\_\_\_. O mistério do Natal. *O Município*, Brusque, p. 1, 24 dez. 1965b.
- \_\_\_\_\_. Natal 1968. *O Município*, Brusque, p. 1, 24 dez. 1968.
- \_\_\_\_\_. Natal 1969. *O Município*, Brusque, p. 1, 23 dez. 1969.
- PIAZZA, Walter F. *Folclore de Brusque: estudo de uma comunidade*. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960.
- RODRIGUES, Barbosa. 2. Geonoma Gamiova. In: REITZ, Raulino. *Palmeiras*. Flora Ilustrada Catarinense. I Parte: as plantas, Fascículo: Palm. Palmeiras. Herbário Barbosa Rodrigues: Itajaí, 20 de ago. de 1974. p. 128-133.
- SANTOS, Rogemar. Eu juro que falei com Papai Noel (entrevista com Luiz Heil). *O Município*, Brusque, p. 5-A, 20 dez. 2002.
- SEDREZ, A.J. Ele está conosco. *O Município*, Brusque, 23 dez. 1982. s.n.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SILVA, Juremir M. “Depois do espetáculo” (reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord). In: GUTFREIND, Cristiane F.; SILVA, Juremir M. (Ed.). *Guy Debord: antes e depois do espetáculo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

THE Children's friend. Number III: A New-Year's present, to the little ones from five to twelve. Part III : Containing eight coloured engravings. New York: William B. Gilley, 1821. Disponível em: <[\[pastispresent.org/2009/good-sources/christmas-treasures-flip-through-the-pages-of-the-children%E2%80%99s-friend/\]\(http://pastispresent.org/2009/good-sources/christmas-treasures-flip-through-the-pages-of-the-children%E2%80%99s-friend/\)>. Acesso em: 14 jan. 2014.](http://</a></p></div><div data-bbox=)

TRADIÇÃO Natalina – cuidado: o Pelznickel vem aí! *O Município*, Brusque, p. 4-5, 5 dez. 2013.

WULF, Christoph. *Homo pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013.